

Relações de classe entre oprimidos

Gelta Terezinha Xavier¹
Lennon de Souza Vasconcelos²

A conjuntura nacional e internacional exige atenção redobrada e respostas por parte de ativistas, grupos organizados, movimentos sociais e partidos. Os ataques, convergindo para o aniquilamento da classe trabalhadora, revelam que este é um cenário de confronto. Por isso, são necessários posicionamento e ações, definidas e decisivas, conforme as análises, inclusive da correlação de forças. E, principalmente, a atenção ao projeto de sociedade, ou programa, se estivermos no âmbito do partido.

As justificativas para compor um texto que visa a questionar relações de classe entre oprimidos são várias. Poderíamos começar pelas instigações geradas nas falas e na escrita de Virgínia Fontes (2010), quando partindo da caracterização do capital-imperialismo, nos permite identificar, no plano imediato, o sofrimento social exasperado e agravado pelas expropriações de direitos, subtraindo a condição de humanos de nossa existência.

Instigados por Fontes, remetemo-nos ao conhecimento adquirido em instituições públicas, refinado e polido nas lutas sociais, situando seres concretos, dispostos a mudar a vida social, as relações. Este texto, assim como o livro de Virgínia Fontes, tem o propósito de contribuir para aguçar o sentido das lutas emancipatórias (2010, p.16).

Avaliações dos processos em que nos implicamos podem ser sustentadas a partir de pistas que nos oferece Trotsky, em “A revolução traída” (2005). Tais avaliações consideram episódios, constatações, análises, interpretações, táticas adotadas em função de estratégias.

“Sabemos que processos históricos derivam de ações sociais efetivas, impulsionadas por consciências singulares e consciências coletivas, forjadas no interior de entidades com objetivos claros, mas também abarcam embates e resistências difusas...” (FONTES, 2010, p.16).

As provocações, que textos produzidos para um evento como o NIEP têm, incluem o papel de intervir desde as condições imediatas. Assim, localizar as práticas profissionais, sociais, institucionais, pessoais e coletivas é o ponto de partida.

Assegurar que lidamos, nos aproximamos ou nos distanciamos de determinados conceitos é outro nível de intervenção, na medida em que há desacordo quanto a termos, conceitos e práticas. Por exemplo, de que falamos quando usamos as palavras: golpe, reforma e revolução, rebeldia, apassivamento, precariado e proletariado, classe e multidão? A

1 Universidade Federal Fluminense.

2 Universidade Federal Fluminense.

linguagem do Império predomina? Os comportamentos do mundo globalizado nos levam para onde? As omissões são a saída para informar que não estamos de acordo com certas (ou erradas) propostas? Devemos nos conformar com o limbo? Marx é um item das referências bibliográficas dos textos para as publicações? A gincana Lattes é alvo dos esforços? Quem são os aliados? Em que resultam as ações se não nos debruçamos nas compreensões? Diria Lênin: sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária.

Um terceiro item da discussão é apontado, observando as condições alcançadas, mobilizadas, visadas como respostas. Assim, a arte, o cinema, o teatro, a literatura, os grupos de pesquisa, os projetos pedagógicos, até mesmo os esportes constituem pontes para refletir, organizar e intervir na realidade.

Divergências e polêmicas relacionadas à visão de mundo dos debatedores que se encarregam de reivindicar o legado marxista chegam ao ponto de subestimar a função gnoseológica da arte, negar a importância de lançar mão de um modo específico de conhecer o real.

Leandro Konder, em “Os marxistas e a arte” (1967 – vejam a data!), acentua a básica irreducibilidade do real ao saber, postulada pela teoria marxista do conhecimento. Comodidade política ou preguiça mental, criticadas, impulsionam lidar com o material das ideias, refundindo, cunhando e difundindo conceitos que servirão de ponte para outros conceitos, emoções, paixões e compromissos. Assim é que Lênin, Trotski, Maiacovski, Benjamin, Lukács, Brecht, Gorki, têm ênfase para compor o processo revolucionário do qual não desistimos.

Filmes e as sinopses referem ao que nos excita e permite exercitar a leitura da realidade. “Pastor Cláudio”, “O silêncio dos outros”, trazem elementos para informar a impotência e a convivência, a atualidade do debate sobre a tortura. “Assunto de família” e “Cafarnaum” expõem lógicas de relações humanas e desumanas a que estamos expostos e, às vezes, assistimos impassíveis. “A favorita” ressalta as estripulias para manter e compor o poder – tão risíveis e nada raras. “Culpa”, “Infiltrado na Klan” e “Pantera Negra”. Antes, “Preciosa”, “Os invisíveis”, “Do the right thing”, “O corte”, “Feitiço do tempo”, “Inside Job”.

Esporte como o remo. ‘Juntos!’ é o comando para enfatizar a sincronia. Força e determinação vêm como exigência para mover a canoa. Indicação de que é preciso olhar para frente, ainda que o corpo se mova para os lados, enquanto o remo afunda. ‘Hip’ para mudar o movimento.

As analogias e aproximações que nos levam à defesa da liberdade, emancipação, felicidade, estão referidas a Étienne de La Boétie, em texto publicado em 1577 (2016, pp

30,31), quando citando peixes, elefantes, bois e pássaros, acentua as evidências da consciência do infortúnio a que a servidão os levará.

Observemos o que o elefante nos ensina quando, defendendo-se até o limite de suas forças, esgotados os meios de escapar, estando prestes a ser capturado, bate suas mandíbulas contra as árvores para quebrar as presas e, com esta ação, impelido por seu arraigado desejo de permanecer livre, é como se quisesse negociar com os caçadores; espera que estes aceitem o marfim como pagamento por sua liberdade.

Tanto a aprender! Tanto a realizar!

1- Sujeitos coletivos e singulares, e episódios, indícios, constatações, interpretações, análises de seus/nossos comportamentos/consciências.

Este tópico se refere a manifestações que observamos frequentemente no meio universitário; descreveremos os comportamentos, relações e reações observadas. A falta de consciência de classe, as estripulias para manter-se no poder, a fala em favor da ordem, a decisão para informar que “não é viável”, quando as condições estão dadas, são alguns elementos que observamos, cotidianamente, nos espaços ditos “democráticos”.

São situações que vivemos ao confrontar as autoridades institucionais em relação a episódios que quebram a comodidade da vida profissional, tratada de forma corporativa, secundarizando as necessidades dos alunos que não desfrutam das condições de tempo e concentração exclusiva na vida acadêmica, ainda que sua formação seja visada e ocorra por vias nem sempre identificadas. Fala-se muito em democracia e injustiça, mas essas mesmas autoridades não percebem que suas práticas são antidemocráticas e anticlassistas.

“Democracia” tem em sua base duas palavras gregas: DEMOS, que significa “povo, distrito” e KRATOS, entendido como “domínio, poder”, o que nos traz o significado de “poder do povo” ou “governo do povo”. Mas a palavra “povo” é muito abrangente numa sociedade dividida em classes. Não é qualquer povo, mas os trabalhadores que fazem a engrenagem desse sistema funcionar e que não têm direito a nada. Ser democrático numa sociedade em classes é, sim, considerar situações excepcionais, como é o caso de estudantes que reivindicam respostas a pautas contempladas legalmente como o direito a garantir que ofertas de cursos, aulas, condições de estudo e formação, estejam abertas a todos.

É identificada a objetivação de respostas a demandas concretas, viáveis, atividades nunca propostas antes, situando as pessoas soltas, perdidas, que não estão se formando. Na ocasião em que levantamos essa bandeira, infelizmente, nem todos os afetados

estiveram presentes. Dependia de divulgação oficial, conforme edital. Porém, isso não quer dizer que irá parar em nós. Não queremos isso. As coisas impossíveis não são feitas por todos. Um grupo iniciou algo impossível que foi possível. Agora, a tarefa das autoridades é tornar o dito "impossível" em possibilidade para outras pessoas. Para nós que adotamos o marxismo como princípio, a utopia tem outro significado. Utopia não quer dizer algo impossível. Utopia tem a ver com tornar POSSÍVEL o IMPOSSÍVEL.

A seguir, estão identificados termos, expressões, comportamentos, comuns e criticados:

- **individualismo.** “Me, myself and I” pode ser o tom para situar pontos de vista e inserções(?), especialmente por parte daqueles que têm garantidas as condições de sobrevivência e visibilidade no meio acadêmico.

- **omissão.** Tutela ou autodeterminação são palavras usadas para nos liberar do compromisso de compartilhar emoções, dificuldades, respostas, um certo apartamento das causas de outros grupos e gerações. Em vez de calar, estabelecer planos que promovam a unidade em relação a impasses, transformar a indignação frente a injustiças em atos, compromissos – é posição política identificada.

- **convivência com a ordem.** “O silêncio dos outros” (filme em cartaz) aproxima espanhóis e brasileiros dispensados de localizar, inibir e punir torturadores e assassinos durante as ditaduras, nada brandas, em um e outro país. Mas, também nos situa em relação à naturalização dos acontecimentos, perdidos como memória, resgatados como pesquisa, como registro de que a maioria não lança mão.

- **reprodução, hábitos e costumes.** O discurso político adotado nos espaços da universidade cobra de conservadores e liberais reações quanto a práticas que reproduzem a cultura positivista e taylorista na base das ações educativas. A partir de Bourdieu e Passeron, Althusser e Baudelot e Establet, aprofundamos as críticas ao modelo reprodutivista. Mas, tão arraigados e comodamente inseridos encontram-se tais hábitos, que não ousamos alterá-los. A radicalidade que a educação popular, do modo como a instalamos entre as referências na década de 1960, pela via do MEB, por exemplo, se esvai. Os costumes, de maneira igualmente cômoda, tomando Thompson (1998) para explicar as bases econômicas e sociais das relações, sustentam as explicações e a manutenção das desigualdades.

- **burocracia.** É termo convenientemente adotado para justificar a promoção de respostas, segundo regulamentos, regimentos e estatutos, como textos prontos, nada atualizados. Dispensamo-nos de interpretar as demandas, conforme a conjuntura e as necessidades

humanas, pois que o método se funda nestas. Autonomia se resume a um enfeite no texto da Constituição Federal (Artigo 207, 1988). E as exclusões são consolidadas.

- **poder, submissão à(s) autoridade(s), hierarquias.** Receio a retaliações, boicotes, preparo para cumprir tarefas recomendadas/encomendadas, valoradas pelas comissões de avaliação dos departamentos e nas provas das disciplinas.

- **descolamento da realidade, incompreensão das situações concretas, relatadas objetivamente, implicando reações.** No plano da Universidade, as respostas vêm como *ad referendum*, se a urgência e a conveniência determinam. Perdem-se até mesmo do significado quando a discussão, posterior à decisão, não passa por colegiados aptos a aprovar ou rejeitar a decisão *ad referendum*.

- **indefinição ao projeto social.** Projeto social que toma, no âmbito da escola básica, a forma de projeto político-pedagógico ou projetos temáticos. Experiências informam conteúdos de projetos que destacaram, por exemplo, Chiquinha Gonzaga, seu tempo, sua música, teatro e manifestações políticas em função da “Revolta do vintém”. Qual foi o item valorizado preponderantemente pelas crianças de certa escola municipal da rede pública de Niterói? Pois é, as manifestações!

- **ausência de programa/estratégia.** Universidade popular? Universidade Indígena? Universidade Pública? Que sentidos tomam estes termos? E quando usamos a palavra sentido, referimo-nos a horizonte, direção, finalidades que priorizamos, em função de um projeto classista para a formação humana, que se dá na universidade e fora da mesma.

- **defesa da democracia como um valor universal.** A crítica à repetição do termo ‘democracia’ desgarrado do projeto classista, assimilado à conciliação de classes, submetido a arranjos imediatistas, como forma de socorro, é impasse. Konder (1967) e Fernandes (1981) remetem às críticas à democracia burguesa, os limites da “revolução dentro da ordem” e as comparações de agir numa sociedade capitalista semidemocrática e uma sociedade capitalista sem democracia alguma. Os extremos visados quando citamos tais intelectuais fazem sentido para contestar usos de termos com propósitos de abrandar compromissos de assumir a radicalidade dos debates.

- **receio de enfrentar conflitos/confrontos.** “Diálogo” é chamamento para integrar pessoas, projetos, constituir grupos. A promessa de acolher nos grupos de pesquisa, compor bancas de teses, engordar o Lattes, são apelos para evitar as discussões nos espaços onde elas deveriam ocorrer – a universidade. E as ameaças de ser denunciado por “assédio moral” calam.

- **servidão voluntária.** Os questionamentos de Étienne de La Boétie (2016) ecoam quando implicam renúncia à liberdade, inconformismo diante da mediocridade e a consciência da

dignidade. Tiranos menores ou maiores impõem relacionamentos doentios em que a crueldade, a bajulação, a traição e o medo se misturam. À prática autoritária corresponde a submissão voluntária, também necessárias de ser avaliadas conforme as condições de desemprego, trabalho precário, intermitente, sob os acordos da reforma trabalhista (Lei 13.467/2017).

- **repressão.** Instala-se nas relações imediatas da sala de aula, sustentadas pelos olhares de crítica ou consentimento, convergência com as ideias do professor. Em tempo de “Escola Sem Partido”, o que cabe, ideologicamente, metodologicamente, legalmente, desde o registro da frequência e dos horários de chegada e saída dos estudantes das salas de aula?

- **representações/representantes.** Visam a explorar as funções de legitimação do Estado para amarrar as classes trabalhadoras à segurança da ordem e soldar os sindicatos ou as vanguardas dos partidos às distorções da ‘democracia’. Em Trotsky (2005) se recuperam as possibilidades de elegibilidade e revogabilidade. Em Mészáros (2010), são identificados significados, constituição e presença do Parlamento, e as promessas de soluções para deploradas mudanças onde elas não podem ser encontradas: nos limites do próprio domínio político parlamentar.

- distinção, segundo a contribuição de Bourdieu, ou visando à gincana Lattes?

2- Conceitos retomados

Os tópicos relacionados evidenciam a intenção de acentuar tensões e movimentações, fazer o contraponto à constatação de apassivamento do conjunto da classe, denunciar a violência e os esquemas de convencimento, pelos ‘inimigos íntimos’. O saldo ou o salto civilizatório, e os esforços para a conquista de melhoria substantiva das condições de vida da população, sob a expansão do capital-imperialismo (FONTES, 2010, p.369), se esvaem.

Não obstante, as mesmas exigências que impulsionaram a fuga para a frente capital-imperialista da burguesia brasileira subalterna e prepotente fermentam novas e poderosas contradições, pois se traduzem numa ampliação vertiginosa da classe trabalhadora, contraposta a uma punhado de grandes capital-imperialistas brasileiros e seus aliados de procedência externa, ainda que cercados de subservientes egressos do âmbito sindical.

- **avaliação.** Ponto de partida para instalar os debates. Crítica aos comportamentos. Necessidade de rever os episódios, as circunstâncias, as condições impostas/opostas. O significado primeiro do termo avaliação apresenta-o positivamente: ‘avaliar é estimar o valor do trabalho de...’ Avaliar conjugando a crítica rigorosa, as condições dadas e o sentido, identificado como destino, estratégia, horizonte, direção. Avaliar e se contrapor a

ranqueamentos. Avaliar e exigir que condições satisfatórias para a realização do trabalho estejam garantidas.

- **classe social.** “Existe um aspecto da realidade que penetra a sociedade e que condiciona o curso geral de sua vida exterior e interior. Esse aspecto da realidade é a classe social a que pertence o indivíduo” (PEÑA, 1958). Mas, qual é a importância das classes sociais na configuração do homem contemporâneo? Bem, para quem não é marxista, irá afirmar que classe social não existe e que pobres são capazes de ficarem ricos. Tudo isso deprecia a importância das diferenças sociais ou que todos são livres e iguais. O fato de que somos propensos a confundir sonhos com a realidade e não tenhamos plena consciência da influência dos fatores de classe sobre a conduta e a experiência não significa que as classes sociais não existam. As diferenças de renda, emprego, poder, prestígio, prosperidade e autoridade são manifestações da estrutura de classes. Desde sobreviver ao seu primeiro ano de vida, a chance de conhecer as melhores obras de arte, de crescer forte e saudável, quando doente, ter a chance de se tratar, de não tornar-se um ‘delinquente juvenil’, de ter uma educação de nível superior... – todas estas probabilidades de vida estão profundamente influenciadas pelas posições que se ocupa na estrutura de classe. Emprego, renda, riqueza, duração da vida, saúde física e mental, educação, proteção garantida pela justiça, conduta sexual e familiar, característica de temperamento (ibidem, p.84) – revelam a condição de classe a partir de uma série de características em uma constelação de situações.

A classe social, uma configuração, uma totalidade de condições e formas de vida, sempre tendem a andar juntas; se estruturam ao redor da relação que diversos grupos humanos estabelecem, uns e outros sujeitos, no processo de trabalho, por meio do qual se mantém toda a sociedade. A sociedade em classes só existe no sistema de produção capitalista – significa posse dos meios de produção por uma pequena parcela da sociedade que explora a outra que só detém de sua força de trabalho.

Não podemos confundir a posição de classe com a quantidade de dinheiro que se ganha. Óbvio que a classe dominante, em sua totalidade, ganha mais dinheiro, enquanto a classe oprimida, em seu conjunto, ganha apenas o necessário para sobreviver. Mas, dentro das classes pode existir um burguês que ganhe cem vezes mais do que o outro, sem que nenhum dos dois deixe de ser burguês. Assim nos diz Marx:

A divisão em classes não está fundamentada nem na magnitude da fortuna, nem na da renda. O senso comum estabelece a distinção de classes segundo o tamanho da carteira do indivíduo. A medida que a carteira é de uma diferença apenas quantitativa, pela qual se pode sempre jogar um indivíduo da mesma classe contra o outro.(apud, PEÑA, 2014.)

Também não podemos confundir a classe social com a profissão. Dentro de cada classe pode haver uma infinidade de profissões. Contudo, as classes influenciam na escolha de profissões (ibidem, p.86). Um burguês não se torna serralheiro ou pedagogo. Pessoas com profissões muito distintas são igualmente burgueses e se tratam como iguais. Assim, a burguesia reserva para si “as profissões de iniciativa, poder, inteligência, e deixa para as classes populares os empregos de execução, de obediência, de esforço físico” (ibidem, 2014)

É preciso distinguir “classe” de “casta”. A classe é um grupo social aberto, no sentido de que legalmente não existe nada que impeça as pessoas a mudarem de classe. Se um operário quer ser burguês não há nenhuma lei que o proíba. Faltam-lhe as condições para se tornar um. No entanto, a casta é um grupo social fechado, no qual se nasce e se morre sem modificação possível. A classe existe antes de cada indivíduo, independentemente de sua própria vontade, e modela os indivíduos conforme as categorias que regem a existência da classe. Logo, a classe social é um conjunto de condições básicas de existência, não pelo que os homens creem ou possam crer que são, mas pelo que realmente são no decorrer de sua vida. Pode existir uma classe sem consciência disso? Pode.

Em “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels são bem enfáticos ao afirmarem que quando uma classe assume a tomada de consciência na sua condição de classe explorada, comprometendo-se na luta pelos interesses comuns de sua classe contra a classe dominante, chamamos de “classe para si”. Já a “classe em si” não tem esta mesma consciência, não se enxerga como parte de uma divisão entre explorados e exploradores. A mudança de consciência de um estado para o outro (em si e para si) não ocorre de forma mecânica e/ou automática. As condições de vida precária, subordinação econômica no processo de produção, não garantem a formação da consciência de classe. A tomada da consciência se faz nos processos de luta, na condição de classe explorada.

- **radical.** Que pertence à raiz, origem ou remete ao fundamento. Definitivo, total, intransigente, quanto ao modo de ver um assunto. Relacionando-o à definição anterior, reflete confluência de propósitos. Inserção política definida e decisiva para não fraquejar diante de propostas pragmáticas ou formas de cooptação – as brechas, as etapas, as carências...

- **Estado.** É o conjunto de instituições públicas de um país: tribunais, exército, polícia, ministérios, Receita Federal, Congresso etc. O Estado é a maior força militar, política e econômica da sociedade. Mas, qualquer mecânico sabe que um monte de peças, jogadas dentro de um capô, não faz um carro andar. É preciso que elas funcionem e que estejam corretamente conectadas entre si. A explosão na câmara de combustão do motor não serve de

nada se não há um sistema de pistões, manivelas e engrenagens, capaz de transmitir a energia produzida às rodas (CRUZ, 2010). Com o Estado ocorre o mesmo. Assim como as partes de um motor, as instituições do Estado precisam se conectar de alguma maneira. Qual instituição do Estado é a principal num determinado momento? Qual delas manda? E qual obedece? A resposta a essas perguntas permite definir o regime político de um país. Se, por exemplo, o Exército e a polícia forem as instituições dominantes, estaremos diante de uma ditadura militar. Se, ao contrário, o Congresso e a presidência, eleitos pelo voto popular, cumprirem o papel principal, teremos uma democracia. O regime é, portanto, a forma de funcionamento do Estado, a maneira como as instituições do Estado se conectam entre si para fazer esse Estado funcionar. A função do Estado é manter a ordem social existente, ou seja, proteger a propriedade burguesa e garantir a exploração da classe trabalhadora pelos patrões. Se para isso for necessário uma ditadura, virá uma ditadura. Se for possível explorar a força de trabalho por intermédio de uma democracia, teremos uma democracia. Ou seja, o regime pode ser democrático ou ditatorial, mas o Estado continua servindo à burguesia. Por isso, ao falarmos de Estado, é preciso agregar a que classe social ele serve, que tipo de “ordem” ele mantém, que propriedade defende. Se for um Estado a serviço do capitalismo, diremos “Estado burguês”. Se for um Estado controlado pelos trabalhadores, diremos “Estado operário” (TROTSKY, 2005). O mesmo vale para o regime. Se vivemos em um Estado burguês, então teremos uma democracia burguesa ou um regime democrático-burguês.

E podemos indicar as pautas que atingem o fenecimento do Estado (LENIN, 1986).

- **revolução.** É a alteração violenta nas instituições políticas de uma nação, muitas vezes alcançada por intermédio de uma rebelião ou motim. É uma mudança radical dentro de uma sociedade, que ocorre no plano político, econômico, cultural e social e quando é estabelecida uma nova ordem, que é instruída pelas forças políticas e sociais vencedoras.

- **apassivamento.** Termo que expressa a derrota, a inexorabilidade, a conformidade com a pouca visibilidade ao enfrentamento. Foram passivos os estudantes que acompanharam o corpo de Edson Luiz?

Marx e Engels, no Manifesto (1998), nos alerta:

Aplicar conceitos e submeter o debate sobre a abolição da propriedade burguesa a critérios que visam a manter *o status quo*. As vossas próprias ideias mais não são do que produto das relações burguesas de propriedade e de produção, tal como vosso direito não mais é do que os desejos da vossa classe, elevados a leis. Um direito que apenas contém a defesa das condições da vida adquiridas pela vossa classe.

- **opressão.** É o ato de oprimir, sufocar uma pessoa, uma comunidade, uma nação. Também pode ocorrer o uso da violência para demonstrar autoridade, atos de tirania, e é um termo

bastante associado a países, a governos, a sociedade, aos homens na relação com as mulheres, brancos em relação aos negros, heterossexuais em relação aos LGBT etc. A opressão faz com que as pessoas se sintam reprimidas, humilhadas, quanto não conseguem fazer e precisam ou têm vontade, pois estão sendo alvos de opressão, por parte de conhecidos, do governo, do sistema, das instituições, da coordenação etc.

- **proletariado.** Identifica a classe social, dentro da sociedade capitalista, que possui meios de produção capazes de gerar seu sustento, precisando vender sua força de trabalho para os que possuem os meios de produção. A palavra: proletário teve origem em Roma. Era o cidadão pobre, útil à República para gerar a “prole” (filho) para no futuro servir à pátria.

- **manifestações.** É preciso ter clareza quanto à caracterização do Estado e seu regime democrático burguês. Muito é dito sobre as liberdades individuais e coletivas, tais como: de manifestações, de expressão, de organização. Entretanto, sabemos da igualdade jurídica que só existe entre os ricos. Segundo a Constituição de 1988, “Art. 5º. **Todos são iguais perante a lei**, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”. Essa é a segunda mentira que nos contam. As liberdades jurídicas e democráticas só existem para alguns. O direito à manifestação é garantido, mas quando vamos às ruas reivindicar melhores condições de vida, somos reprimidos pela polícia; quando os estudantes secundaristas estão ocupando suas escolas, exigindo melhores condições, são recebidos a cassetetes e *spray* de pimenta; quando os estudantes universitários têm necessidade de se formar, de estudar e tocar a vida, são impedidos por uma burocracia que quer ver longe das universidades os trabalhadores. Todos são iguais perante a lei, mas o ‘caveirão’ não entra atirando no Leblon!; quando o ex-governador Sergio Cabral foi preso, houve um escândalo nacional porque o mesmo foi levado algemado. (Devemos lembrar, em contraposição, o episódio em que os policiais arrastaram o corpo de Claudia Silva Ferreira, 38 anos, pelo asfalto, e nenhuma punição ocorreu?). E o que dizer sobre Rafael Braga? Símbolo da seletividade penal.

- **minorias.** É termo que informa a existência de grupos/organizações que se instalam referindo à ausência de políticas e, ao mesmo tempo, denúncias de violência, extermínio, ataques por parte de bandos paramilitares ou milícias, quilombolas, indígenas, trabalhadores rurais submetidos à escravidão ou semiescravidão, imigrantes.

Minorias que também se instalam nos ambientes universitários, chamados, quando ingressam nos cursos para atividades de acolhimento. Só que – esqueceram de contar – acolhimento não é atividade. Acolhimento é atitude, que tem a chance de promover a saúde mental, evitar

suicídios ou tentativas. Acolhimento está relacionado a Estado de bem-estar social, conquistas de direitos, resistência e luta contra os ataques. É referido por Thompson (1998, p. 233):

... as medidas de assistência não podem ser descartadas com um dar de ombros, como se fossem apenas uma questão de gesto ou exercício de controle social. Há razões para supor que elas podem ter mitigado as crises de subsistência. Se a margem entre uma subsistência pobre e a fome (para grupos de risco) era pequena, a redistribuição marginal dos alimentos para os mais necessitados pode ter sido o bastante para mudar um dígito demográfico.

- **trabalho.** Diz respeito ao fundamento da sociabilidade humana, implica o reconhecimento das relações construídas pela humanidade, a produção da existência. A concepção de trabalho não se confunde com a inserção em postos de trabalho, cargos e empregos. Trabalho é criação, é o motor da civilização. Trabalho material ou imaterial? Definições que importam na medida em que consideramos as mediações e a transformação da ordem material. Em “A produtividade da escola improdutiva”, Gaudêncio Frigotto já nos alertava para o conteúdo de nossas práticas e nos instigava a promover políticas educacionais, evitando a submissão a medidas governamentais. Remuneração, salários cortados, atrasados, redefinidos, conforme se alteram os cargos e funções nas escolas, conforme se subtraem recursos e reduzem-se orçamentos. As 30 horas como bandeira de luta dos servidores técnicos na UFF importam? Sim! Há que considerar a realidade do desemprego estrutural crônico e as formas como se constitui e revela a classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 1999).

- **manifestos.** São textos que expressam, publicamente, pontos de vista, denúncias, ‘uma espécie de mapa de minhas próprias reflexões feministas’ (ADICHIE, 2017, p.8). Implica narrativas e publicização de argumentos, defesa de ideias; podem vir na forma de volantes, panfletos, livros, ou análises como realiza Hobsbawm (2013), em “Tempos Fraturados”, citando, como ponto de partida (e de chegada para muitos!) o Manifesto Comunista (Marx e Engels), lido por ele, como relata, aos quinze anos, atraído pelo “estilo maravilhoso e irresistível, a verve do texto” (ibid, 2013, p. 21). Manifestos de partidos, manifestos das artes, dadaístas, surrealistas...

- **método.** É tema central no debate marxista; está referido à pesquisa e conectado a supostos de natureza filosófica, razões ideopolíticas, polêmicas conceituais, divergências estratégicas, motivações científicas e dinâmicas sociais. Está anunciado, como estudo, na academia, à apresentação da obra de Durkheim e, logo, Weber. Está relacionado a metodologias de investigação. Mas, é, sobretudo, a concepção materialista da história, o materialismo dialético, suas re-elaborações, a partir do acúmulo cultural, que vingam. Marx não faz tabula rasa do conhecimento existente; nele sustenta os fundamentos, condicionantes, circunstâncias e

limites. Marx subverte a ordem, desde seus estudos. Por isso, o método marxista é instrumento para a revolução.

- necessidades humanas

- práxis. Referida à relação teoria-prática, práxis é considerada, equivocadamente, nos espaços acadêmicos, como alternância entre um e outro momento – pensar e fazer. ‘Aprender a ser’, ‘aprender a fazer’, ‘aprender a aprender’ eram as chamadas que a UNESCO (a internacional da mentira) nos fazia. E essa chamada se repete nos textos recentes da BNCC, ou na ênfase que se dá ao ‘chão da escola’.

Práxis, ou Filosofia da Práxis, remete à ação transformadora do mundo, pela qual se responsabilizam os sujeitos implicados no projeto/programa revolucionário. As perspectivas de formar o educador como intelectual não implicam arrogância, mas as finalidades de promover cada um e todos à condição de governantes, como Gramsci defendeu.

3- Movimentos-ações em direção a respostas. Arte, literatura, cinema, teatro, esportes, grupos de pesquisa e atividades de extensão e as salas de aula como espaços e condições para elaborações-educação

- **Assunto de família.** (2018). Manbiki Kazoku. Drama. Após roubarem um mercado, Osamu e seu filho encontram, no caminho de casa, uma pequena garota. A família abriga a menina e tudo parece bem, até segredos serem revelados.

- **Cafarnaum.** (2018). Nadine Labaki. Zain, menino de 12 anos que fugiu dos pais abusivos, morou nas ruas, cuidou da refugiada Rahil e seu filho e foi preso, processa os pais na Justiça pelo ‘crime’ de colocá-lo no mundo.

- **A favorita.** (2018). Yórgos Lánthimos. Na Inglaterra do século XVIII, duquesa, rainha, sua confidente e amante, usufruem e disputam postos de prestígio e influências ameaçados, conforme outras figuras entram em cena. Disputas e estripulias para manter o poder. Que poder? Que poderes?

- **O silêncio dos outros.** (2018). Almudena Carracedo e Robert Bahar, Documentário. Dramas, lutas e expectativas por parte de vítimas da ditadura do General Franco, na Espanha. O silêncio institui a convivência e o esquecimento.

- **Pastor Cláudio.** (2017). Beth Formaggini. Documentário. Entrevista realizada por Eduardo Passos, ativista dos direitos humanos, psicólogo, a Cláudio Guerra, ex-delegado de polícia, comandado por Perdigão, disponível para obedecer às ordens, matar e incinerar os corpos (antes, abrir os sacos para satisfazer sua curiosidade). Documentário, produção artística, e alerta: os torturadores não foram punidos, estão aí, visando a todos os alvos. A irmandade.

- **Os invisíveis** (2017). Claus Räfle. Alemanha. Filme, documentário, drama, guerra, respostas ao fanatismo. Quatro jovens judeus sobrevivem ao Terceiro Reich, driblando perigosas situações, estabelecem estratégias de sobrevivência, frente à cruel realidade de abate, genocídio, que não se esgota. Segue sendo denunciada por árabes, palestinos, pela via dos noticiários, por Edward Saïd, Amos Óz – romance, literatura, análises políticas, nenhuma ficção.

- **Arábia** (2017). Affonso Uchôa, João Dumans. Relato e menção a cadernos e canetas, pelo esforço do registro. A partir de um diário de um operário metalúrgico que sofreu um acidente, e por meio do resgate de suas memórias, são expostas as condições de vida de trabalhadores marginalizados e a periferia. Jovens que lutam, se submetem, adotam saídas, conforme as circunstâncias.

- **“Fora de Série”**. Paulo Carrano e Ana Karina, professores, nossos colegas, teimosos, quando ousam propor, ouvir, expor e explorar as saídas, soluções, anseios, expectativas, relatos, pela via da escola. EJA – Educação de jovens e adultos, porta e barreiras para realizar a formação, aproximar-se da cultura escolar. Projetos e atualização dos planos de alfabetizar, escolarizar, socializar, educar, nos termos que Paulo Freire difundiu.

- **Esperando Godot**. Teatro e livro. Samuel Beckett. Dramaturgo irlandês. A estrada e a árvore, à noite, é o que compõe o cenário da peça. A insistência em afirmar que esperam Godot. Sua chegada, sempre adiada. “Godot não virá. Talvez amanhã”, “Devemos partir?”. Concordam, contando com a beleza da estrada e a generosidade dos viajantes. E não se movem!

É uma das peças mais encenadas no Brasil. Escrita em 1949, encenada na França em 1952. Acontece a partir de diálogos, espera, definições e questionamentos, esperança e imobilismo.

- **Memória do esquecimento**. Teatro e livro de Flávio Tavares. Escrita como modo de libertar-se das dores físicas e psicológicas, e políticas que lhe/nos atingiram e atingem.

- **Guernica**. Pablo Picasso (1937), refletindo o ataque aéreo à cidade de Guernica por aviões alemães, sob Hitler, de quem Franco era aliado. País Basco. Efeitos da guerra sobre uma população. Ataque à cultura espanhola, ideais que se contrapõem a ideias nacionalistas. Também em “Terra e Liberdade”, filme de Ken Loach, o tema é retomado.

- **A persistência da memória**. Salvador Dalí, um dois quatro gatos, entre Buñuel, Picasso, Lorca, evidencia o movimento de registro e denúncia da barbárie que foi a Guerra Civil Espanhola.

- **Operários, Abaporu, Segunda classe, As costureiras**. Obras de Tarsila do Amaral, expoente da arte brasileira, alvo do projeto temático (mais que projeto político-pedagógico) a

ser desenvolvido em escola da rede pública de Niterói neste ano letivo. A beleza, o deleite, a disposição de oferecer e usufruir da arte, em ambientes escolares da periferia, da favela. O que é periferia, neste caso?

Banksy. Grafite e murais, no muro que separa os interesses econômicos e políticos de Israel e EUA do povo palestino. Imagens que informam disposição para a resistência e luta. Arte e comoção. Indignação em relação a barreiras, que nem sempre se servem de muros.

Marielle. Nome de rua e muitas imagens, na forma de grafite, incluídas como estampas em camisas, em frases-perguntas (quem matou Marielle?; quem mandou matar Marielle?). “Marielle semente, Paulo Freire presente!”.

- **Música.** A vasta produção, referida à MPB, poderia nos levar a trechos tão marcantes de letras de Chico Buarque – “no tempo, página infeliz da nossa história, passagem desbotada na memória das nossas novas gerações...”. Atualizando, despertando, sacudindo, o samba “Eu quero um Brasil que não está no retrato”, de Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino, levou para o sambódromo, mas não somente aí, o debate, a denúncia, a tensão a que professores são expostos quando adotam a abordagem classista. Especifica e alardeia as denúncias dos crimes políticos, inesquecíveis e não apurados.

4- Considerações em processo (e não finais)

Não se pode associar a escrita, depois de muita discussão, de ações planejadas e implementadas, de negativas a demandas expressas pela via do direito, em função da garantia de direitos, de muitas emoções e esforço para elaborar, à catarse. Ou podemos?

O debate elimina a emoção? Convulsões, conflitos, embates e processos de educação dependem de autorizações? Ou é instalando condições viáveis em meio a tantas perdas que nos protegemos e nos projetamos. Educação classista não é um mote para atrair para eventos, palestras e discussões nos fóruns, seminários, reuniões, supondo que fora das salas com ar condicionado tudo está bem.

O relato abaixo de um dos autores deste texto pretende ressaltar o que tem significado a inserção na luta de classes, distinguindo onde estão, onde escolhem estar os oprimidos. Às vezes, citando (e não lendo!) Paulo Freire e praticando Bolsonaro.

Em outubro de 2015, em protesto contra a “Reorganização”³ das escolas estaduais de São Paulo, sob o Governo Geraldo Alckmin, os alunos ocuparam mais de duzentas escolas.

³ Geraldo Alckmin aplica o chamando de “reorganização” o fechamento de dezenas de escolas. O Estado alega que os prédios serão resignados para o Centro Paula Souza, para as Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) e para

Diante das manifestações, o governo do estado teve que recuar e suspender o plano inicial. Já nas universidades isso chegou um pouco depois. Em 2016, despertei para a luta nas ocupações das universidades no momento em que o ex-presidente, Michel Temer, empurrou goela abaixo a atual EC 95⁴, chamada na época de PEC da morte, que previa o congelamento de gastos primários no orçamento.

As ocupações foram uma resposta ofensiva aos ataques do governo. Sabíamos que única maneira de resistir frente a isso era fazer uma grande “greve” das/dos estudantes. Esse episódio nos remete a um momento histórico que ocorreu no Chile em 2006, quando mais de cem colégios chilenos foram ocupados por estudantes. Antes de ocuparem, os jovens chilenos foram para as ruas fazer protestos, mas a mídia tradicional valorizava outros aspectos e não as demandas e reivindicações, dando mais importância às ações da polícia.

Essa revolta importante no Chile foi chamada de Revolução dos Pinguins, por causa dos uniformes dos estudantes. A luta dos estudantes chilenos foi documentada em vídeo e as reproduzimos nas ocupações como recurso de divulgação, pretendendo dar força à luta dos estudantes brasileiros, discutir táticas, estratégias, experiências, compartilhar as emoções, resistir às repressões e chantagens.

A consciência não é algo dado na realidade. Não é algo que se possa absorver pelo simples fato de enxergar. Se a consciência não está dada, porém ela existe, de onde ela vem e aonde é forjada? Bem, usarei a palavra “reflexo”, tomada por Milcíades (2014). Contudo, é preciso tomar cuidado já que “reflexo” tomado de modo imediato, considerado parte do universo vocabular da Psicologia, expressa algo mecânico, estático. O intuito não é colocar o real de um lado e de outro seu reflexo na cabeça dos homens (Lefebvre). Isso seria uma imensa contradição na dialética marxista da existência. Lenin, sobre “reflexo”, diz: “o conhecimento é o reflexo da natureza pelo homem. Mas não é um reflexo simples, imediato, total; este processo consiste em toda uma série de abstrações, de formulações, de formação de conceitos, leis etc.”⁵

E segue afirmando:

O conhecimento é o processo pelo qual o pensamento se aproxima infinita e eternamente ao objeto. O reflexo da natureza no pensamento humano deve ser compreendido não de modo “morto”, não “abstratamente”, não sem movimento, não

virar espécies de secretárias escolares. O objetivo é dividir as escolas públicas do estado por ciclos. Assim, cada escola ofereceria apenas um dos três ciclos de ensino básico, que seriam divididos entre anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

⁴ Emenda Constitucional 95/2016, que limita por 20 anos os gastos públicos.

⁵ LENIN, Vladimir, Cadernos sobre a dialética de Hegel, op. Cit., p.159.

sem contradição, mas no processo eterno do movimento, do surgimento das contradições e da sua resolução.⁶

É um processo em constante transformação, tanto para um “lado” quanto para o outro. Se o conhecimento é reflexo da realidade exterior, o exterior também é reflexo desse conhecimento na medida em que o homem em movimento constrói e modifica a realidade. O homem não se limita a tirar fotografias da realidade; o homem constrói a realidade (PEÑA, 1957).

Sendo assim, o processo de transformação do homem está intimamente ligado ao movimento de produção das relações sociais que são contraídas independentemente de sua vontade. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência (MARX). Ou seja, é a partir das necessidades imediatas, das contradições veladas na realidade, que a consciência se apropria e se movimento.

Quando ocupamos o Instituto Federal Noroeste Fluminense de Pádua, em 2016, fizemos a partir das necessidades mais imediatas. Moradia, permanência estudantil, bandeirão, mais docentes, melhores condições de estudo, mais prédios. E as necessidades na superestrutura, garantia de saúde pública, mais verbas para educação e contra a EC 95 que prejudicaria não a todo mundo, mais ainda os trabalhadores/as, os oprimidos, os desempregados. Essa base material concreta nos deu suporte para avançarmos em nossa consciência a partir da necessidade de lutar. Antes disso, havia lido e estudos diversos autores marxistas, até o próprio Marx. Porém, foi sentindo as contradições, as necessidades, que pude fazer o que Engels e Marx ressaltam que seja a práxis. A teoria em movimento com realidade.

As ocupações nas escolas e universidades é um ato simbólico na retomada do espaço público que antes só era público na aparência. Assim, “a ocupação é uma resignificação do território na qual a sede da autoridade universitária, de tradição acadêmica e da burocracia universitária passa a ser a sede de sua contestação, transgressão e questionamento...”(CARNEIRO, 2008, p.24).

Enfatizamos:

A ocupação é, também, um ato por meio do qual os estudantes interpelam as autoridades universitárias e governamentais, colocando em evidência uma agenda política que de outro modo permaneceria na penumbra. Exercendo seu direito à rebelião, os estudantes estão redefinindo os termos da discussão e argumentando,

⁶ Ibid., pp.166-167.

com seus atos, em favor da autonomia universitária e da defesa de uma universidade pública.

Referências bibliográficas:

- ADICHIE, Chimamanda N. Para educar crianças feministas. Um manifesto. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARNEIRO, Henrique. Movimento estudantil e as ocupações. In: BIANCHI, Alvaro (org). transgressões. As ocupações estudantis e a crise das universidades. São Paulo: Sundermann, 2008.
- CRUZ, Diego. O que é democracia? Revista online, 2010. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/o-que-e-democracia/> > Acesso em: 29 de março de 2019.
- FERNANDES, Florestan. O que é revolução. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- FONTES, Virgínia. Brasil e o capital-imperialismo. Teoria e história. 2ª edição. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ. 2010.
- HOBBSAWM, Eric. Tempos fraturados. Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- KONDER, Leandro. Os marxistas e a arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LENIN, Vladimir I. O Estado e a revolução. Tradução: Aristides Lobo. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MÉSZÁROS, István. Atualidade histórica da ofensiva socialista. Uma alternativa radical ao sistema parlamentar. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PEÑA, Milcíades. O que é o marxismo? Notas de iniciação marxista. Tradução: Paula Maffei. São Paulo: Sundermann, 2014.
- TORRES SANTOMÉ, Jurjo. El curriculum oculto. Octava edición. Madrid: Morata, 2005.
- THOMPSON, Edward. Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução: Rosaura Eicheberg. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.
- _____. La justicia curricular. El caballo de Troya de la cultura escolar. Madrid: Morata, 2011.
- TROTSKY, Leon. A revolução traída. O que é e para onde vai a URSS. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.
- MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.